

## **Sobre kabaretè ou revolução deboxxxada.**

Por Soraya Martins

No palco italiano do Teatro Francisco Nunes um cabaré com dezoito atorxs é instaurado, o cabaré falido e decadente da *Mamacita*, um espaço que se coloca como uma grande metonímia da Brasil atual.

A linguagem estética que o grupo *Cabaré Incoerente* faz emergir em cena, misturando música, dança, figurinos excêntricos, no sentido mais potente da excentricidade, com corpos e *corpas* dxs atorxs que clamam pela diversidade que não provoque desigualdade, diz de um metateatro de ironias e denúncias de um Brasil que vê desmoronar as conquistas sociais, culturais e educacionais dos últimos anos.

O que fazer diante das estruturas em colapso?

*Cabaré Sade* volta ao século XVIII, mais precisamente na Revolução Francesa que teve início em 1789 para ler, a partir dessa revolução que teve impacto duradouro tanto na França quanto no continente europeu e também no mundo ocidental, a história do Brasil, do Golpe de 2016 ao governo do “tem que matar”, eleito em 2018 e que, em 2019, como menos de um ano sentado na cadeira presidencial, fez o país sucumbir.

O que fazer diante das estruturas em colapso?

Uma revolução cujo objetivo maior seja ancorada em três princípios básicos: pluralitè, fraternitè e kabaretè. E, aqui, o kabaré com k é fundamental na medida em que se pretende fazer uma revolução debochada, desconstruir paradigmas. A contemporaneidade, aliás, é tida como o tempo da desconstrução, do botar abaixo as estruturas, tempo das misturas, da não rigidez das fronteiras. E o que vem depois da desconstrução contemporânea?

O *Cabaré da Mamacita* não é a desconstrução pela desconstrução. Ele provoca um desconstruir para tentar construir de novo, e novo, por meio da pluralidade de vozes, de

outras referências e organizações que se ligam diretamente às questões de gênero, classe e raça.

A questão racial, aliás, é pontuada no cabaré. Os três atorxs negrxs do grupo fazem uma cena escurecedora quando, no meio do espetáculo, fala-se de matança e execução de pessoas. A população brasileira sabe, mas nunca é demais reforçar, que tal matança e execução diz, quase que exclusivamente, de corpos negros, ou seja, os corpos que são tombados no famigerado cotidiano genocida do Estado têm cor.

Ao som de uma música que diz: “Deixa o preto sambar”, os três atorxs pedem para as negras, os negros, xs negrxs da plateia se levantarem, numa espécie agradecimento especial por elas e eles e elxs estarem ali, por estarem vivxs. E isso é especial sim. Ver a plateia escurecida foi bonito. Mas eu decidi não me levantar porque fiquei pensando muito num movimento contrário. Por que a problemática do racismo estrutural e estruturante só é colocada na boca dxs atorxs pretxs? E se xs atorxs brancxs falassem também do racismo problematizando e expondo a branquitude?

Seria interessante, não digo melhor ou pior, vivenciar o cabaré a partir dessa ordem invertida. E se xs brancxs ali se racializassem? Como seria interessante também experienciar todas as músicas, danças, ter contanto com as corpas e corpos não de uma estrutura tão separatista, como é o palco italiano.

Mas os sinais luminosos do *Cabaré Sade* não são ofuscados. A potência de vida e de interpretação, a esperança no fazer teatral, ou melhor, no refazer constante desse ofício, reverbera no palco, assim como o entendimento de que arte, política, estética e ética são, sim ingrediente explosivos para uma revolução.

Diante das estruturas em colapso, acreditar em utopias pode ser uma politicidade, uma revolução da ordem da partilha estética e do sensível que o teatro nos oferece para as configurações das experiências e das subjetividades, que também são políticas.